Entre trauma, memória e esquecimento: uma leitura de "Moonlight Serenade", de Antonio Carlos Viana

Between trauma, memory and forgetting: a reading of "Moonlight Serenade" by Antonio Carlos Viana

Raquel Pereira de Lima[1]
João Victor Rodrigues Santos[2]

Resumo: Considerando a literatura como espaço de representação, memória e problematização da violência, temos como objetivo realizar uma leitura analítico-interpretativa do conto "Moonlight serenade" (2009), de Antonio Carlos Viana. Nesse sentido, privilegia-se a representação da violência contra a mulher, bem como os mecanismos de dominação e apropriação do corpo feminino em uma sociedade patriarcal. A metodologia adotada é de caráter qualitativo, fundamentada na análise textual e no modelo cultural de leitura. O aporte teórico baseia-se em referências como Foucault (1987), Bourdieu (1999), Xavier (2007) e Machado (1999). Assim, evidencia-se que a violência contra a mulher, ao ser banalizada, produz marcas permanentes na memória das vítimas, revelando a persistência do trauma e a internalização da culpa. Desse modo, ao exigir do leitor um papel ativo na construção dos sentidos narrativos, o conto problematiza e denuncia a estrutura patriarcal que legitima a exploração do corpo feminino, estabelecendo novos espaços de discussão sobre problemas socioculturais e tensionando as fronteiras entre ficção e realidade.

Palavras-chave: Conto. Corpo feminino. Modelo cultural de leitura. Trauma. Violência contra a mulher.

Abstract: Considering literature as a space for the representation, preservation of memory, and problematization of violence, this study aims to conduct an analytical-interpretative reading of the short story "Moonlight Serenade" (2009) by Antonio Carlos Viana. In this regard, particular attention is given to the representation of violence against women, as well as to the mechanisms of domination and appropriation of the female body within a patriarchal society. The methodology adopted is qualitative in nature and is grounded in textual analysis and the cultural model of reading. The theoretical framework draws on contributions from Foucault (1987), Bourdieu (1999), Xavier (2007), and Machado (1999). The analysis thus demonstrates that, when violence against women is normalized, it leaves permanent marks on the victims' memories, revealing the persistence of trauma and the internalization of guilt. In this way, by requiring readers to take an active role in constructing narrative meanings, the short story problematizes and denounces the patriarchal structure that legitimizes the exploitation of the female body, creating new spaces for discussion of sociocultural issues and challenging the boundaries between fiction and reality.

Keywords: Short story. Female body. Cultural model of reading. Trauma. Violence against women.

1. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Adjunta do Departamento de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP/UFS) e vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa em Lexicologia e Terminologia da Libras (GPLET). E-mail: raquellima10@yahoo.com.br. ORCID

2. Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS). Professor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação de Aracaju (SEMED/PMA). Membro do Grupo de Estudos em Filosofia e Literatura (GeFeLit/UFS). E-mail: jvrs@academico.ufs.br. ORCID

Submissão: 24 jul. 2026 **Aceite**: 28 set. 2026

10.47250/forident.v43n1.p201-216

Introdução

O conto foi o gênero principal escolhido pelo sergipano Antonio Carlos Viana (1944 –2016). Autor de sete livros, entre os quais estão *Brincar de manja* (1974), *Em pleno castigo* (1981), *O meio do mundo* (1993), a coletânea *O meio do mundo e outros contos* (1999), *Aberto está o inferno* (2004), *Cine Privê* (2009) e *Jeito de matar lagartas* (2015), Viana destacou-se no cenário nacional, tendo sido laureado por duas vezes pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) e estando presente em antologias nacionais, como *Os melhores contos brasileiros de 1974*, publicada em 1975 pela Editora Globo, e *Os cem melhores contos brasileiros do século*, editada em 2000 pela Objetiva, entre outras obras.

Além da produção de contos, Viana também se dedicou à escrita de manuais de redação, participou da criação de dois livros infantis, entre outras atividades. Sua obra ficcional é marcada pela presença recorrente de espaços interioranos do Nordeste, especialmente de Aracaju, sua cidade natal, que figura como cenário de algumas de suas narrativas. Embora seus textos estejam fortemente vinculados a esse contexto, a representação da região distancia-se de imagens estereotipadas ou idealizadas. Nesse sentido, Georgina Martins (2013, p. 295) afirma que Viana não se afasta da realidade nordestina, pois em sua escrita não há espaço para o "discurso pitoresco, para o clichê, tampouco para as representações panfletárias do real". A autora ressalta, ainda, a "capacidade de captar o insólito daquele cotidiano miserável e transformá-lo em matéria de ficção" (Martins, 2013, p. 295), evidenciando a maneira particular como o escritor observa e reelabora o cotidiano em sua produção literária.

Essa "capacidade de captar o insólito" fez com que Viana transpusesse para a literatura problemas e angústias universais que se materializam em diferentes livros e com diferentes personagens, como: a (des)manutenção dos vínculos afetivos na velhice, a descoberta não inocente do mundo na infância, a loucura como fator de (des)legitimação do sofrimento, as carências afetivas, financeiras e culturais e, interligando todos os outros, a violência – contra mulheres, idosos, animais, crianças etc. – enquanto componente-chave da esfera narrativa e como fundamento das relações humanas.

Assim, propomos uma leitura para o conto "Moonlight Serenade", publicado em *Cine Privê* (2009), refletindo tanto sobre a representação da violência contra a mulher quanto sobre os mecanismos de dominação e apropriação do corpo feminino em uma sociedade patriarcal. A partir do título do livro, que também nomeia um dos contos da coletânea, Viana parece brincar com a situação dos leitores diante da narrativa. Ou seja, o livro nos coloca não apenas como espectadores diante de cabines privativas, mas desloca o nosso papel, tornando-nos co-construtores dos sentidos narrativos, pois temos acesso a narrativas que apresentam, de forma con-

10.47250/forident.v43n1.p201-216

tundente, não apenas a vida dos personagens, mas também o lugar ocupado pela violência em cada uma delas. Segundo a pesquisadora Georgina Martins (2013, p. 285), suas personagens "são os desvalidos desse país, personagens obrigados a conviver com toda a sorte de iniquidades; quase nunca experimentam a alegria, e quando o fazem é sempre à custa de muita dor, ou como resultado dela". Desse modo, somos provocados a pensar a nossa própria realidade, com suas angústias e problemas a partir do contato com a construção artística.

Com o intuito de dar suporte à leitura de "Moonlight Serenade", recorremos a um referencial teórico que aborda as questões da violência, do trauma, da memória e do esquecimento, ampliando as possibilidades de abordagem da narrativa de Antonio Carlos Viana. Nesse sentido, Michel Foucault (1987), Pierre Bourdieu (1999), Elódia Xavier (2007) e Carole Pateman (2022) fundamentam a discussão sobre as relações de poder, a dominação patriarcal e a apropriação do corpo feminino. Heleieth Saffioti (2015) e Lia Zanotta Machado (1999) subsidiam a reflexão acerca da violência contra a mulher, das relações de gênero e da internalização da culpa pelas vítimas. Por sua vez, Márcio Seligmann-Silva (2003) e Peter Levine (2023) oferecem contribuições para a compreensão das relações entre trauma, memória e esquecimento.

Além disso, estruturando transversalmente nossa abordagem, o modelo cultural de leitura (Gomes, 2012) nos leva a refletir sobre as possibilidades que o literário possui para tensionar as fronteiras entre a ficção e a realidade, potencializando o caráter provocativo da literatura diante de temáticas urgentes e emergentes na contemporaneidade. Embora a leitura que se segue busque preservar sua autonomia interpretativa, o diálogo com os estudos citados proporciona um alargamento das diferentes dimensões significativas presentes no conto e evidencia como a literatura pode problematizar questões sociais, históricas e subjetivas.

Sobre a contística de Viana

O conto possui características que lhe são peculiares, e dominar a técnica de escrita de um bom texto não demanda apenas inspiração – esta, na verdade, tem pouca expressividade – e requer um trabalho árduo. Dentre as diversas qualidades desse tipo de texto, sua extensão é um dos aspectos mais marcantes. Apesar de seu tamanho reduzido, trata-se de uma forma narrativa completa, sem excessos ou lacunas de informação. Cada palavra é cuidadosamente escolhida para compor a narrativa, transformando-a em uma estrutura orgânica e autossuficiente. Nesse sentido, Viana dominou essa técnica, apresentando textos que representam o gênero de modo expressivo e contribuindo para a difusão da literatura brasileira, que ultrapassou as fronteiras do estado de Sergipe, tendo sido traduzida para outros idiomas.

10.47250/forident.v43n1.p201-216

Na produção de Viana, cada ação é intencionalmente calculada, conduzindo o leitor a uma imersão no universo narrativo. O autor apresenta um projeto textual que articula organicamente a forma e a temática, de modo que uma influencia diretamente a outra. Desse modo, observa-se, em sua contística, a presença de textos que, mesmo não ultrapassando um único parágrafo, como é o caso de "Nadinha", de *O meio do mundo e outros contos* (1999) – em que a personagem que dá título ao conto é uma criança pequena, com desenvolvimento físico comprometido por diferentes deficiências e, como consequência, é reduzida a "nada" –, a essência da ação dramática do conto é mantida fielmente. Assumimos, então, a postura de que ler a obra de Antonio Carlos Viana é ter em mente que a própria narrativa, tanto em sua materialidade textual quanto em seus aspectos temáticos formam um todo coerente, sendo forma e conteúdo indissociáveis e autoimplicáveis.

O conto escolhido para nossa leitura também estabelece diálogo entre sua dimensão física (a extensão do texto no papel) e seu conteúdo. Na narrativa em questão, o tempo da história é longo: a personagem narra, em anos, o período em que sofreu violência sexual por um prático-dentista. Dessa forma, o texto se apresenta espacialmente extenso, construindo uma relação simbólica com a temática abordada. O contista sergipano dominou a técnica da concisão em seus textos, desenvolvendo-a também, de forma proporcional, em narrativas mais extensas. Ao contrário de "Nadinha" ou "Sobre um segredo inviolável" (Viana, 1974), ambos compostos por apenas um parágrafo, "Moonlight serenade" apresenta mais de oito páginas. Cada elemento é estrategicamente posicionado e é por meio da análise desses detalhes que se torna possível compreender os eventos que moldam a trajetória da protagonista adolescente.

As temáticas abordadas por Viana têm como norte principal a recorrência traumática da violência e da exploração moral e social das personagens, diante de contextos que, ao passo que universalizam as angústias e problemáticas, também parecem conduzi-las a estados de inevitabilidade do sofrimento. Caso fosse possível traçar um eixo narrativo que atravessasse toda a sua obra, perceberíamos que suas personagens são construídas enquanto parte de contextos problemáticos, violentos e em situações de acentuada vulnerabilidade socioafetiva, que as provoca a impasses e frustrações. Assim, os textos, partindo de organizações narrativas distintas, seguem um caminho singular de aumento da tensão narrativa, criando a expectativa do desenrolar dos fatos, antes, durante e após a percepção da violência.

Com isso, nota-se que a produção literária de Antonio Carlos Viana não se alheia a questões sociais, de modo que somos provocados a pensar as situações narradas a partir de um viés sociocultural. Ou seja, pode-se assumir a perspectiva de que os textos de Viana nos incitam a refletir sobre situações que extrapolam a esfera puramente imanente do texto literário. Assim, para nos direcionar em nos-

10.47250/forident.v43n1.p201-216

sas observações, adotamos a perspectiva do "modelo cultural de leitura", conforme proposto por Gomes (2012). De acordo com o autor, esse modo de significar o texto literário nos revela que a produção literária possui um papel social relevante pela "[...] sua capacidade de questionamento proposta pelos grupos historicamente silenciados ou marginalizados como mulheres, negros, homossexuais, estrangeiros, entre tantos grupos excluídos pela cultura hegemônica" (Gomes, 2012, p. 172).

Quando o corpo perde a humanidade: violência e objetificação da mulher

Para Michel Foucault (1987, p. 118), "o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações". A partir dessa perspectiva, em uma sociedade estruturada pela dominação patriarcal, a mulher não possui plena propriedade sobre si, uma vez que seu corpo é permanentemente submetido a regras que antecedem sua própria existência. Essas imposições restringem seu poder de decisão e de atuação no mundo, tornando-a alvo constante de diferentes formas de violência, tanto simbólica quanto física. É nesse processo sistemático de controle e silenciamento que se configura uma ordem social aparentemente invisível, mas que contribui para a construção e a manutenção do "corpo disciplinado", conforme proposto por Xavier (2007).

De modo complementar, Pierre Bourdieu (1999, p. 71) destaca que a violência simbólica exercida sobre as mulheres contribui para que elas aceitem como inegociáveis "as prescrições e proscrições arbitrárias". Desse modo, para compreender as diferentes formas de violência que atravessam a experiência feminina, adotamos a concepção discutida por Heleieth Saffioti em *Gênero, patriarcado, violência* (2015), para quem a violência corresponde à ruptura "de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral" (Saffioti, 2015, p. 18). Essa compreensão permite reconhecer que a violência contra a mulher não se restringe à agressão física, mas envolve também mecanismos de controle, silenciamento e violação de sua integridade em diferentes dimensões, aspectos que se articulam à estrutura patriarcal e à disciplina dos corpos femininos.

Se, por um lado, esses estudos evidenciam os mecanismos de disciplinamento e naturalização da dominação do corpo feminino, por outro, Carole Pateman (2022), em *O contrato sexual*, desloca a discussão para o plano político ao demonstrar que o pacto original da sociedade patriarcal é simultaneamente sexual e social, criando o direito político de acesso ao corpo das mulheres e legitimando sua apropriação.

Ainda à luz de Foucault (1987), é possível vislumbrar o funcionamento dessa dinâmica de vigilância e disciplinamento. Segundo o autor, o corpo é atravessado

10.47250/forident.v43n1.p201-216

por mecanismos de poder que o tornam objeto de controle, vigilância e docilização. Nesse sentido, a restrição dos movimentos sociais e afetivos das mulheres evidencia um processo de disciplinamento que atua diretamente sobre suas subjetividades. Elódia Xavier (2007), ao discutir o aprisionamento do corpo feminino, reforça essa leitura ao indicar que o corpo da mulher é historicamente submetido a formas de controle que limitam sua autonomia e naturalizam sua restrição no espaço social.

Em decorrência do ciclo de violências, as mulheres carregam marcas cujos efeitos podem persistir ao longo do tempo. Embora as lesões físicas possam ser tratadas, as consequências psicológicas decorrentes dessas experiências são mais difíceis de superar. Nesse sentido, Saffioti (2015, p. 19) afirma que "as probabilidades de sucesso, em termos de cura, são muito reduzidas e, em grande parte dos casos, não se obtém nenhum êxito". Essa perspectiva se aplica a diversas personagens de Viana, especialmente, conforme veremos, à protagonista de "Moonlight serenade", que, mesmo após longo período desde a violência sofrida, permanece afetada pelos traumas deixados por essa experiência. As recordações emergem involuntariamente, desencadeadas por situações que funcionam como gatilhos, fazendo com que ela reviva dores que permanecem presentes em sua trajetória.

Nesse sentido, Márcio Seligmann-Silva (2003) compreende a memória traumática como uma forma de inscrição das experiências violentas que se atualizam no presente, impossibilitando seu apagamento. À luz dessa perspectiva, as lembranças da protagonista não constituem meras recordações de um acontecimento passado, mas permanecem inscritas em sua experiência, manifestando-se de forma involuntária e reiterando a permanência do trauma. O passado, portanto, não se encontra encerrado, uma vez que retorna continuamente por meio dessas lembranças, mantendo vivas as marcas da violência sofrida.

Peter Levine (2023), ao discutir a incapacidade de esquecer o trauma, afirma que as vítimas ficam presas ao passado, atraídas pelo terror que desejariam apagar; contudo, continuam a viver como se ainda estivessem inseridas no contexto de violência. Assim, há o consumo de energia em busca do controle das emoções para atender às necessidades do presente.

"Moonlight serenade" estrutura-se em diferentes níveis de controle corporal e subjetivo, o que prepara o terreno para formas mais amplas de dominação, como as relações de posse e apropriação do corpo feminino conforme discutidas por Pierre Bourdieu (1999) e Carole Pateman (2022), nas quais a violência simbólica e a estrutura patriarcal legitimam a ideia de acesso ao corpo da mulher. Nesse sentido, observa-se que a violência contra a mulher – e sua consequente banalização – instaura e busca subrepticiamente validar um processo de objetificação desumanizante do ser feminino.

10.47250/forident.v43n1.p201-216

Entre a lembrança e o esquecimento

"Moonlight Serenade" é um conto envolto em memórias perturbadoras. Podemos observar que a narradora apresenta traumas oriundos do período em que foi submetida ao tratamento odontológico, não por receio dos cuidados com os dentes, mas em razão das violências ininterruptas sofridas. Esses traumas são revividos à medida que a jovem rememora seu passado, que é ativado quando ouve, de modo proposital ou não, as músicas de Glenn Miller, especialmente "Moonlight Serenade", que compõe a trilha sonora da violência, funcionando como uma personagem que permeia o espaço narrativo.

De acordo com Peter Levine, "ao contrário das lembranças 'comuns' (boas e ruins), que são mutáveis e se alteram de modo dinâmico com o tempo, as memórias traumáticas são fixas e estáticas" (Levine, 2023, p. 30). Desse modo, as recordações oriundas da violência sofrida pela protagonista do conto não podem ser apagadas com o decorrer do tempo, sendo, assim, reativadas sempre que os gatilhos são acionados por meio da canção. A dimensão desses traumas torna-se imensurável ao observarmos sua fala: "Glenn Miller, tudo tão suave em sua orquestração, o oposto da minha vida, onde o satanás parecia ter se empoleirado de vez" (Viana, 2009, p. 105).

Desse modo, a ideia que a jovem tem de sua vida não é apenas a de uma vida marcada por dificuldades, mas de uma existência sobre a qual um ser maligno e sobrenatural atuava diretamente para intensificar seu sofrimento a cada momento. Nota-se, ainda, que ela tem consciência de seu estado mental, mas não consegue se libertar nem se curar, pois luta contra o esquecimento, algo que se mostra impossível para ela, como se observa em seu discurso ao afirmar que "eu chorava, sempre choro, quando ouço Glenn Miller" (Viana, 2009, p. 106). O uso dos tempos verbais, tanto no passado quanto no presente, remete ao fato de que ela sofreu anteriormente e de que esse sofrimento permanece na atualidade, sem qualquer perspectiva de cessar.

Entendemos que a estrutura do conto integra o projeto estético arquitetado pelo autor, uma vez que é perceptível como tal formato dialoga com a temática e com os sentimentos vivenciados pela personagem. Do título ao desfecho, as ações apresentadas não excedem o necessário para o desenvolvimento da narrativa, preservando os elementos de significação, intensidade e tensão que caracterizam um bom conto, conforme a reflexão teórica de Julio Cortázar em seu conhecido ensaio "Alguns aspectos do conto", publicado na obra *Valise do Cronópio* (2008).

O período retratado pela narradora-personagem é extenso, uma vez que ela foi submetida a diversas formas de violência ao longo de anos, experiências que influenciaram diretamente a construção de sua identidade e a percepção de si mesma. Desse modo, a extensão da narrativa mostra-se coerente com a temática abordada, funcionando como um reflexo da duração e da profundidade dos trau-

10.47250/forident.v43n1.p201-216

mas vivenciados pela personagem. Ao acompanhar detalhadamente sua trajetória, o leitor compartilha da angústia que permeia suas lembranças e compreende, de maneira gradual, os impactos da violência em sua vida. Caso o conto dispusesse de um espaço narrativo menor, o efeito produzido no leitor provavelmente não seria o mesmo, uma vez que a intensidade emocional da narrativa depende da construção progressiva dessas experiências.

A personagem é uma jovem moradora da periferia cuja trajetória é marcada pela ausência da figura paterna, em decorrência da morte do pai. Desde cedo, sofre com intensas dores de dente por conta de cáries não tratadas, situação que evidencia sua condição de vulnerabilidade social. Aos treze anos, ela é abordada pelo "dr. Lustosa" um prático-dentista que a alerta sobre o estado crítico de sua saúde bucal, afirmando que, caso não realizasse o tratamento necessário, teria poucas chances de conseguir um emprego satisfatório no futuro. O desejo de tratar os dentes e de aliviar a dor que sentia partia da própria jovem. Entretanto, ao analisarmos o discurso da protagonista, depreendemos que foi o abusador quem associou a possibilidade de conseguir um emprego ao estado de sua saúde bucal. Esse discurso faz com que a menina passe a sentir ainda mais urgência em realizar o tratamento, mesmo que isso lhe custasse muito mais do que qualquer valor financeiro. Assim, inferimos que essa constituía uma das estratégias utilizadas pelo prático para convencer e manipular suas vítimas. Essa tática também pode ser observada em outro momento da narrativa, quando a jovem afirma:

> [...] eu era muito ingênua, apesar do dr. Lustosa já ter alisado meus peitos e feito na minha frente uma coisa que me deixou assustada. Não sabia que um homem tinha coragem de fazer aquilo diante de uma menina. Depois ele pediu segredo, que, se eu não contasse a ninguém, ele faria meu tratamento de graça. O meu e o da minha irmã (Viana, 2009, p. 105).

O texto denuncia a ardileza do abusador, que se aproveitava da inocência e da vulnerabilidade das jovens para comprar o silêncio delas. Ainda observamos que havia diferentes níveis de abordagem utilizados pelo prático, que iam desde o convencimento, por meio da criação de um senso de urgência em relação ao tratamento dentário, até o assédio à vítima para observar sua reação e, posteriormente, a negociação do uso de seu corpo em troca dos procedimentos realizados por ele. Isso sugere que esse prático já havia agido dessa forma em outras ocasiões, pois não demonstrava dúvidas nem hesitações em relação às suas atitudes.

Aproveitando-se da fragilidade econômica da adolescente, o dr. Lustosa sugere que o pagamento pelos procedimentos odontológicos seja realizado por meio de favores sexuais. Ao longo da narrativa, fica evidente que o prático-dentista já era visto de maneira negativa pelos moradores da cidade, que conheciam ou, ao me-

10.47250/forident.v43n1.p201-216

nos, suspeitavam de sua conduta abusiva, como se observa no seguinte fragmento: "Todo mundo sabia da fama do dr. Lustosa, que só gostava de menininhas e depois as encaminhava para uma tal de dona Riso" (Viana, 2009, p. 106). A partir desse trecho, inferimos a conivência da comunidade diante da atuação do criminoso. A narrativa sugere que havia conhecimento acerca da conduta do prático, mas nenhuma medida foi tomada para proteger as crianças da cidade. Ao final da narrativa, o prático é expulso da região por dentistas formados. Contudo, o conto não esclarece se essa expulsão decorreu exclusivamente do exercício ilegal da profissão ou também dos abusos cometidos contra as jovens.

O conto se inicia já no meio do processo, ou seja, *in medias res*; a história é apresentada sem que, antes, tenhamos acesso às investidas do dentista. De forma repentina, somos colocados dentro da sala do dr. Lustosa, que deveria ser um ambiente seguro, mas se transforma em um espaço de traumas e violências, ao observarmos uma cena que se repetirá por muitos anos. A narrativa inicia-se com: "Tocava 'Moonlight Serenade' quando ele enfiou, pela primeira vez, a mão em minha boca. Uma mão gelada, parecia uma jia que tivesse sido lavada com sabonete vagabundo. Eucalol, na certa" (Viana, 2009, p. 104).

Já nas primeiras linhas do texto, somos impactados pela escolha do léxico feita pelo autor. Essas escolhas nos antecipam o teor e o grau das violências que nos aguardam. É esperado que o profissional dentista introduza a mão na boca de seus pacientes, mas o fato de o autor ter optado pelo verbo "enfiar" já nos prepara para o que está por vir. Ao lermos o termo, já somos transportados para um espaço que é violento, sem cuidado e sem consentimento do que está se apresentando. Além do verbo, o adjetivo "gelada" nos antecipa o caráter frio do abusador, que não demonstra nenhum pudor, vergonha ou compaixão pelo outro. Outra informação que nos chama a atenção é a marca do sabonete: "eucalol". Na época em que ele foi comercializado, não era bem-visto, pois, por ser um produto com ingredientes de baixa qualidade, não era um sabão agradável. Assim, ao sabermos do tipo de produtos que compõem esse consultório, também podemos inferir o tipo de profissional e pessoa que esse violentador era.

Ainda no início das informações da narrativa, a expressão "primeira vez" sugere a progressão dos atos violentos, indicando que, se houve um primeiro episódio, outros semelhantes também ocorreram nesse consultório. As primeiras descrições da narradora dialogam com falas posteriores, pois ela estabelece a relação entre o ato de introduzir a mão na boca de alguém e a posse de sua alma. Para a personagem: "eu não tinha um tostão para cuidar da boca, por isso o dr. Lustosa passou, pouco a pouco, a se apossar de mim. Tanta inocência, meu Deus! Foi ali que descobri que quem se apossa de sua boca se apossa de sua alma" (Viana, 2009, p. 104).

10.47250/forident.v43n1.p201-216

Desse modo, não podemos deixar de lado as reflexões feitas por Carole Pateman ao discorrer sobre o pacto original numa sociedade patriarcal. Segundo a pesquisadora, esse pacto "é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal, isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres" (Pateman, 2022, p. 15). Assim, dentro da sociedade patriarcal e com todas as consequências desse sistema de opressão, o corpo da mulher não mais lhe pertence, mas sim aos homens dessa sociedade. O corpo feminino é público e, por esse motivo, não pode questionar o sistema e deve aceitar o que lhe é imposto, mesmo que isso anule a sua identidade enquanto sujeito.

Em outros momentos da narrativa, a personagem relaciona a cena da inserção da mão na boca de uma pessoa à posse de seu corpo e, assim, à impotência diante da ação do outro. Para ela: "não há momento de maior impotência do que quando o dentista enfia a mão na sua boca; ele pode fazer tudo o que quiser, sobretudo se o dente dói e você não tem dinheiro para tratá-lo" (Viana, 2009, p. 110). Assim, as impressões destacadas nas primeiras linhas do conto permeiam toda a narrativa, acentuando a relação de posse do corpo e da alma da vítima.

A letra da canção "Moonlight serenade" expressa o amor em um ambiente sereno e sonhador, contrastando com o ambiente vivido pela protagonista. O prático, ao colocar essa canção, possivelmente como recurso para acalmar suas pacientes durante os procedimentos odontológicos, acabou por transformá-la em um ativador das lembranças dos acontecimentos traumáticos. Apesar de ser uma música que pode promover sentimentos positivos em quem a escuta, na personagem do conto ocorre o oposto. Ela se opõe à vida da jovem, fato evidenciado no fragmento: "Glenn Miller, tudo tão suave em sua orquestração, o oposto da minha vida" (Viana, 2009, p. 105). Se, para algumas pessoas, a música poderia funcionar como tranquilizante, para a jovem ela se torna sinônimo de tormento. Com o decorrer do tratamento, as dores de dente são substituídas por traumas psicológicos, pois, a cada encontro, a experiência da violência se intensifica. A angústia concreta provocada pelas cáries é transformada em sofrimento psíquico, marcando-a até a vida adulta.

A narradora, em diferentes momentos, caracteriza seu abusador de modo a animalizá-lo, bem como a demonizá-lo. As escolhas lexicais que caracterizam o dentista reforçam o medo e a opressão que a jovem sentia sempre que precisava ir ao consultório. Um exemplo dessa denominação voltada ao animalesco pode ser visto em: "tinha olhos de sapo-boi, um corpo gorduroso que se debruçava sobre o meu, sufocando-me, enquanto o motor zumbia e eu esticava a perna de medo" (Viana, 2009, p. 106).

doi 10.47250/forident.v43n1.p201-216

Além dessa animalização, conforme exposto em citação anterior, a personagem, logo nas primeiras linhas, compara a temperatura das mãos do abusador à de uma jia. A jovem também relaciona ao prático outros vocabulários do âmbito espiritual, pois o caracteriza como demônio: "o demônio nem doutor era" (Viana, 2009, p. 104); e como diabo: "as músicas do fundo eram sempre suaves, bem o contrário do dr. Lustosa, o diabo em pessoa, um vozeirão que me assustava" (Viana, 2009, p. 106). Ainda sobre esse fragmento, a voz que assustava a protagonista também pode remeter a um monstro, já que a fazia sentir medo de seu timbre. Assim, era desse modo que a vítima enxergava seu abusador, caracterizando-o ora como um animal, ora como um ser maligno. Além do dentista, o consultório também era caracterizado como um espaço de tormento, pois, para a jovem, "se existia inferno, ele começava naquela sala branca, com cheiro de cravo e cera derretida" (Viana, 2009, p. 106-107).

A protagonista, vítima de toda a violência, tinha conhecimento de que o prático não tinha boas intenções com ela, mas precisava do tratamento dentário, pois não suportava mais a dor que sentia. Nas primeiras linhas da narrativa, ela antecipa que sentiu um alívio quando o prático abriu o seu dente e a dor havia "passado milagrosamente" (Viana, 2009, p. 104). Antes de aceitar a ajuda "profissional", ela esperava que a cura viesse por meios religiosos, pedindo a Deus que salvasse sua boca, ao introduzir a hóstia entregue na missa dentro da cavidade aberta pelas cáries. Por não obter sucesso, precisou aceitar o "negócio" oferecido pelo abusador.

Dentro da contística de Viana, é notória a presença da pobreza extrema no cotidiano de seus personagens. Como consequência, eles quase não têm momentos de contentamento, pois a necessidade os faz submeter-se ao outro em troca da própria sobrevivência. Com a jovem de "Moonlight serenade", não foi diferente. Devido ao estado de sua boca, as pequenas alegrias que possuía lhe foram retiradas, como se observa no fragmento: "eu não tinha coragem de dizer que meus dentes estavam apodrecendo, nossa vida já tão podre naquele arremedo de casa de um cômodo só. Havia muito deixara de quebrar com eles até unha de aratu, que é tão molinha. Comer pipoca me dava medo" (Viana, 2009, p. 105). Desse modo, num ambiente que só lhe causa pesar e sem nenhum contentamento, a personagem não tinha outra saída a não ser aceitar o seu destino.

Durante os anos em que tratava a jovem e a violentava, o prático continuava assegurando o silêncio e a dominação do corpo de sua vítima. Ele não permitia que a menina se relacionasse com outras pessoas e manipulava seu discurso para fazer com que a protagonista confiasse nele e nas promessas que fazia, ao afirmar que financiaria cursos para a capacitação profissional da jovem. O fato de não permitir que ela mantivesse relações afetivas com outras pessoas revela seu desejo de exclusividade sobre o corpo da vítima, funcionando como uma estratégia de controle e de ocultação de seus crimes.

10.47250/forident.v43n1.p201-216

Em uma sociedade dominada pelos homens, o gênero constitui um fator de aprisionamento, impedindo que homens e mulheres exerçam plenamente a liberdade de fazer suas próprias escolhas. Para Heleieth Saffioti, nesse sistema, "o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu 'destino' assim o determina" (2015, p. 90). Essa perspectiva contribui para a leitura do conto analisado, ao evidenciar como a violência de gênero se naturaliza nas relações sociais e incide diretamente sobre o corpo feminino, condição que se manifesta na trajetória da protagonista de "Moonlight serenade", submetida a diferentes formas de coerção e dominação ao longo da narrativa.

Pelo discurso da personagem, é possível identificar a permanência de um ciclo de exploração sem ruptura. Apesar de ter consciência do sofrimento decorrente da exploração de seu próprio corpo em troca do tratamento, a protagonista teme não conseguir poupar a irmã desse destino, pois se percebe sem possibilidade de libertação das amarras desse sistema. Para a narradora: "eu via que era hora de cuidar dos dentes da minha irmã, um buraquinho negro aparecia entre seus incisivos. Quando suas mamas ficaram do tamanho das minhas, o dr. Lustosa não estava mais lá" (Viana, 2009, p. 111).

O prático não estava mais na região; mesmo assim, a protagonista não enxerga outra saída além da exploração do corpo da irmã para obter recursos e suprir uma necessidade. Em outro conto de Viana, "Barba de arame", a criança deseja um espaço minimamente adequado, ainda que simples, para servir de banheiro, pois não quer se expor publicamente na região do mangue em que vive. Em troca de promessas nunca cumpridas, uma menina é violada para que seja construída uma "latrina" que, ao final, nunca se concretiza (Viana, 2004). Com efeito, o ciclo de violência sexual contra mulheres em situação de vulnerabilidade se perpetua em uma sociedade patriarcal que trata o corpo feminino como objeto de posse e desejo masculino.

Nesse contexto, Heleieth Saffioti (2015, p. 112) afirma que, no patriarcado, "[...] as mulheres são objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras". A pesquisadora ainda reafirma o conceito de patriarcado, definindo-o como um pacto entre os homens que serve para garantir a opressão feminina. Nesse sentido, "as relações hierárquicas entre os homens, assim como a solidariedade entre eles existente, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres" (Saffioti, 2015, p. 111). Dessa forma, o patriarcado estabelece relações de poder que contribuem para a manutenção do controle masculino sobre as mulheres.

A descrição de um dos gatilhos narrados pela menina confere ao texto uma atmosfera de tensão e permite dimensionar, ainda que de modo incompleto, o

10.47250/forident.v43n1.p201-216

sentimento de impureza que a protagonista desenvolveu em decorrência da internalização da violência sofrida. A personagem descreve o momento em que toma consciência de que passou a repudiar Glenn Miller. Ao som das músicas do artista, ela revive a presença do prático. Segundo a menina: "sua mão, naquela tarde, escorregou pela minha perna, me liguei na música, que não me tranquilizou. Senti seus dedos afundando pelas minhas coxas. Eu não conseguia me mexer e ele me acariciou de um jeito que eu não sabia que alguém podia acariciar" (Viana, 2009, p. 107). Como consequência desse episódio, a protagonista passou a se sentir "impura" e enojada, desejando, sempre que passava por uma loja de discos, quebrar os discos do artista. Depois de sair de um dos atendimentos no consultório, a protagonista declara:

> Uma tarde, quando passei por uma loja de discos, estava tocando "Boog it", uma música toda saltadinha, bem diferente das outras, que me dava nos nervos. Eu tinha saído do consultório e estava com um lado do rosto ainda adormecido, tomado pela anestesia. Comecei a vomitar. As pessoas foram parando, perguntando o que eu tinha e eu queria gritar: "É tudo culpa do Glenn Miller". Aí o som aumentou e o jato veio mais forte. Me levaram para dentro da loja e minha vontade era dizer: "Tirem a porra desse disco, quebrem essa porra de Glenn Miller". Mas, naquele tempo, uma moça não falava palavrão. Me deram água, lavei a boca, nenhuma sensibilidade. Naquele dia, ele havia emporcalhado meus lábios pela primeira vez. Cada vez mais o dr. Lustosa me assustava. Eu já entrava de coração miúdo em sua sala. Me achava suja por deixá-lo fazer o que queria, mas não tinha outro jeito, eu queria salvar a minha boca. O demônio disse que veio sem esperar e, quando vi, estava engulhando. Cuspi na escarradeira e o rodopio da água demorou a arrastar aquela gosma nojenta. Acho que foi essa lembrança que ele fez vomitar (Viana, 2009, p. 107-108).

A sensação de culpa vivenciada pela narradora é recorrente nos discursos de mulheres que sofreram violência. Heleieth Saffioti (2015, p. 24) afirma que "as mulheres são treinadas para sentir culpa. Ainda que não haja razões aparentes para se culpabilizarem, culpabilizam-se, pois vivem numa civilização da culpa [...]". Assim, muitas não percebem sua condição de vítimas e, como consequência, não atribuem a responsabilidade ao abusador.

Esse sentimento manifestado pela protagonista não constitui um caso isolado na narrativa ficcional. Ao contrário, encontra correspondência em relatos de mulheres que sofreram violência sexual. Nesse sentido, Lia Zanotta Machado (1999), em *Sexo, estupro e purificação*, analisa entrevistas com vítimas e demonstra que a culpa aparece de forma recorrente em seus discursos. A seguir, apresenta-se um trecho que exemplifica esse sentimento em uma vítima real, evidenciando a aproximação entre a experiência ficcional da protagonista e os relatos analisados pela pesquisadora:

10.47250/forident.v43n1.p201-216

> [...] então eu me senti mal com a igreja. Eu pedi pra sair do corpo de membros da igreja. Porque, como eu te disse da vez passada, na minha cabeça, eu achava que eu tinha de alguma forma incentivado ele, então eu me culpava pelo que tinha acontecido. Eu me culpava porque eu tinha ido lá naquela hora, mas eu tinha ido lá tipo nesse horário que não era tão tarde, seis e meia da tarde, tava claro. [...] Então isso me fazia me sentir culpada perante os irmãos. Estar lá no meio deles... E na época eu fiquei tão maluca porque eu me sentia uma impura, diferente de todo mundo, como se eu estivesse suja (Machado, 1999, p. 324).

A transferência da culpa para a vítima faz com que ela conviva com os traumas, revividos a cada lembrança. Nesse sentido, Heleieth Saffioti (2015) observa que as mulheres são socialmente condicionadas a internalizar a culpa, mesmo na ausência de responsabilidade direta pelos atos de violência, o que contribui para a manutenção de um ciclo de sofrimento e silenciamento. Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 56) afirma que "a arte da memória, assim como a literatura de testemunho, é a arte da leitura de cicatrizes", evidenciando que o trauma não se encerra no acontecimento, mas se inscreve como marca persistente na subjetividade.

Ao final da narrativa, a protagonista reencontra o dr. Lustosa. Com efeito, seus dentes, agora em bom estado, tornam-se marcas de memória, vestígios dos momentos vividos. Mais do que marcas, eles também se convertem em instrumentos de vingança quando contrastados com o estado físico do prático após alguns anos, como se observa no fragmento a seguir:

> Anos depois, encontrei o dr. Lustosa num ponto de ônibus. Nem parecia aquele homem dominador quando estava com seu jaleco branco. Via-se que estava empobrecido, a cabeleira espessa era agora uns fiapos de cabelo no pescoço liso. Bem feito, pensei. Só me restava atravessar a rua, passar por ele e escancarar meu sorriso, para ele saber que a boca é mesmo tudo (Viana, 2009, p. 111-112).

Ao reencontrá-lo decadente, sem cabelos, sem vigor e sem o jaleco, vestimenta presente em todos os momentos dos abusos, a jovem sente o desejo de exibir os dentes perfeitos, que contrastam com a decrepitude de seu abusador. Mesmo consciente do processo doloroso decorrente dos atos violentos a que foi submetida, a protagonista ainda prefere ter os dentes tratados, embora o preço pago por isso tenha sido extremamente alto.

Nesse sentido, os dentes assumem um caráter ambíguo na narrativa: ao mesmo tempo em que materializam as marcas do trauma, representam a única forma de triunfo que a protagonista acredita ter alcançado sobre seu abusador, tornando-se inscrições permanentes de uma violência que não pode ser apagada. Desse modo, o conto evidencia que o corpo feminino, atravessado por relações de poder e violência, constitui também um espaço de inscrição da memória traumática, na qual dor, resistência e lembrança coexistem de forma indissociável.

10.47250/forident.v43n1.p201-216

Considerações finais

O conto "Moonlight serenade", de Antonio Carlos Viana, evidencia a articulação entre estrutura narrativa e tematização da violência, do trauma e da memória, contribuindo para uma leitura cultural da literatura, de modo que grupos sistematicamente silenciados e violentados possam ser representados, contribuindo com novas formas de se refletir sobre as violências contra as mulheres e os efeitos da vulnerabilidade social em crianças e adolescentes. A canção que dá título ao texto funciona como elemento de contraste e gatilho narrativo, contribuindo para a construção de uma tensão que atravessa todo o enredo e impacta diretamente a experiência de leitura.

Os procedimentos narrativos mobilizados pelo autor não apenas relatam a trajetória traumática da protagonista, mas produzem efeitos de sentido que colocam o leitor na posição de testemunha do sofrimento, aproximando a experiência estética de uma vivência de desconforto e impotência. Nesse sentido, a organização do enredo, a recorrência das lembranças e o encadeamento dos episódios de violência evidenciam a elaboração estética rigorosa da obra.

Os dados analisados indicam que o tempo transcorrido não promove a superação dos traumas, uma vez que a protagonista permanece atravessada por lembranças involuntárias e pela culpa internalizada, o que complexifica a atribuição da responsabilidade pela violência sofrida. Sua trajetória demonstra que a violência ultrapassa o acontecimento pontual, inscrevendo-se na subjetividade por meio de marcas traumáticas acionadas por diferentes gatilhos.

Desse modo, as narrativas de Antonio Carlos Viana revelam a articulação entre diferentes níveis de dominação que estruturam um sistema patriarcal de poder sobre o corpo feminino. A violência não se limita ao ato físico, mas se sustenta em mecanismos de disciplinamento, naturalização da dominação e estruturas sociais que legitimam a apropriação do corpo da mulher. Assim, a obra literária se configura como espaço de problematização dessas relações, ao evidenciar a permanência da violência como estrutura que inscreve o trauma no corpo e na memória.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. *In*: CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 147-163.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

10.47250/forident.v43n1.p201-216

GOMES, Carlos Magno Santos. O modelo cultural de leitura. **Nonada** Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, n. 18, p. 168-183, 2012.

LEVINE, Peter. **Trauma e memória:** cérebro e corpo em busca do passado vivo. São Paulo: Summus, 2023.

MACHADO, Lia Zanotta. Sexo, estupro e purificação. *In*: SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes (Orgs). **Violência, Gênero e Crime no Distrito Federal**. Brasília: Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999. p. 297-352.

MARTINS, Georgina. Infância no inferno: um lugar na ficção de Antônio Carlos Viana. **Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 11, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1273. Acesso em: 8 set. 2026.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória e literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

VIANA, Antonio Carlos. "Moonlight serenade". *In*: VIANA, Antonio Carlos. **Cine Privê**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 104-112.

VIANA, Antonio Carlos. Barba de arame. *In*: VIANA, Antonio Carlos. **Aberto está o inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 40-43.

VIANA, Antonio Carlos. **Cine Privê**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VIANA, Antonio Carlos. Nadinha. *In*: VIANA, Antonio Carlos. **O meio do mundo e outros contos**. Seleção e apresentação de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 24-25.

VIANA, Antonio Carlos. Sobre um segredo inviolável. *In*: VIANA, Antonio Carlos. **Brincar de manja**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1974. p. 7.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

10.47250/forident.v43n1.p201-216